

# Afif quer que PL também dispute a Presidência

# Covas defende o parlamentarismo com quatro anos

# Simon teme que presidenciáveis façam pressões

**BRASÍLIA** — O Deputado Afif Domingos (PL-SP) inicia na próxima semana uma peregrinação nacional com o objetivo de formar bases para uma eventual candidatura à Presidência da República, em 88. Afif defendeu ontem a idéia de que o Partido Liberal deve participar da eleição presidencial com candidato próprio, até mesmo para se fortalecer com vistos às eleições municipais.

Segundo o Deputado, a vinculação das duas eleições força o partido a ter: um projeto próprio mas, antes do lançamento oficial de uma candidatura, será preciso uma profunda análise da situação nacional. Disse que tudo vai depender da definição das regras do jogo pela Constituinte e não afastou a possibilidade de sair candidato pelo PL: "Quem está no jogo é candidato", disse.

A respeito da frequência com que seu nome vem surgindo entre os prováveis candidatos à Presidência da República, nos meios político e empresarial e até mesmo nas primeiras pesquisas já realizadas, observou:

— Isto é muito importante na medida em que revela o anseio da Nação pela renovação de lideranças. Essas manifestações têm sido espontâneas, sem nenhum estímulo ou sinal de candidatura formal. Demonstram ainda a predisposição de lançar nomes alternativos a um quadro político estático.

Envolvido até ontem nas votações da Comissão de Sistematização, Afif inicia na segunda-feira uma série de viagens por diversos Estados, atendendo a convites para proferir palestras em universidades e associações de classe. Na terça-feira, entretanto, estará de volta a Brasília para votar o projeto que altera o regimento interno da Constituinte.

**BRASÍLIA** — "Parlamentarismo com quatro anos, para mim, é um bom tamanho". Com esta frase o Senador Mário Covas, Líder do PMDB no Senado, demonstrou ontem que é o único presidenciável até agora a defender o regime aprovado na Comissão de Sistematização, que todos os outros candidatos a candidato querem derrubar. E é neste ponto que ele encontra o maior respaldo para a sua candidatura.

Ontem Covas foi novamente sondado pelo Movimento Unidade Progressista que deseja vê-lo candidato de qualquer forma no PMDB ou em outra legenda. Covas, como é natural nessas conversas, não confirmou nem desmentiu a possível candidatura, mas deixou claro de que não pretende deixar o PMDB.

— Não posso dizer se serei ou não candidato. Temos uma porção de incógnitas a resolver, entre elas o regime de governo.

Por enquanto o Senador prefere continuar dizendo que a sua prioridade no futuro ainda é o Governo do Estado de São Paulo, concorrendo a sucessão de Quérzia, que, reconhecidamente, já está com a sua campanha presidencial em andamento.

O Líder do PMDB tem confessado a alguns de seus Vice-Líderes na Constituinte que de uma coisa eles podem estar certos: não evitárá um confronto com Quérzia na Convenção do PMDB, que já tem data marcada para abril. Covas se arrependeu de não ter enfrentado, mesmo para perder, o atual Governador paulista quando ele foi escolhido candidato do PMDB na Convenção do PMDB paulista.

— Mas não posso prever o que virá pela frente — ressaltou.

**PORTO ALEGRE** — O Governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, manifestou ontem sua preocupação com as fortes pressões que os candidatos a candidato à Presidência da República deverão fazer sobre os constituintes, ação que, acredita, poderá inviabilizar o parlamentarismo.

Ele lembrou que todos os candidatos, independentemente de suas ideologias, são defensores do presidencialismo e deverão se engajar numa campanha contra a mudança do sistema de governo. Advertiu que o parlamentarismo com um mandato de quatro anos para o Presidente José Sarney poderá provocar um fracasso histórico.

Simon acredita que a pressão sobre os constituintes e demais políticos será tão forte que até o Governador de São Paulo, Orestes Quérzia, hoje um defensor convicto do mandato de cinco anos para Sarney, deverá aceitar a realização de eleições gerais em 1988.

Ele frisou, entretanto, que não tem qualquer restrição à realização das eleições gerais caso os constituintes optem por isso.

Pedro Simon disse que esta é a última chance de implantação do parlamentarismo, que, na sua opinião, deveria ser adotado somente a partir do sucessor do atual Presidente.

Ele teme que, caso isso não ocorra, o parlamentarismo com Sarney será "um grande equívoco, capaz de inviabilizar por mais 50 anos a adoção desse sistema de governo".

— O ideal — insistiu — é que o Presidente José Sarney termine seu mandato de cinco anos sob o regime presidencialista.